

A VIDA QUE “FALA” EM *HARRY POTTER*: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DAS RELAÇÕES DIALÓGICAS DO DISCURSO

*The life that “speaks” in Harry
Potter: a proposal for the analysis of
the dialogical relationships in discourse*

Marco Polo Henriques*
Maria Cristina Palma Mungiolii**

RESUMO

O presente artigo detém-se na análise de *corpus* constituído a partir dos elementos discursivos presentes nos sete volumes que integram a série *Harry Potter* (edição brasileira), visando identificar características relacionadas à construção de mecanismos de responsividade (BAKHTIN, 1997). Rastreamos as relações de produção de sentido que se estabelecem entre o discurso da obra e seus destinatários, os adolescentes contemporâneos, desvelando um complexo de forças dialógicas, as quais se confrontam e produzem significações. O artigo apresenta alguns pressupostos que embasam uma das etapas de projeto de pesquisa que prevê a realização de estudo de recepção com jovens leitores moradores de Paraisópolis, em São Paulo.

Palavras-chave: O Autor e o Herói. *Harry Potter*. Dialogismo. Produção de sentido. Comunicação e recepção de leitura.

* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM), da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). Bolsista da Capes (Coordenador de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). E-mail: marcopolorh@usp.br

** Professora Doutora na Escola de Comunicações e Artes (ECA/SP), onde ministra aulas em cursos de Graduação e Pós-Graduação (*stricto sensu*). É coordenadora do GP Ficção Seriada da Intercom e pesquisadora do Centro de Estudos de Telenovela da ECAP/USP e do Observatório Ibero-Americano de Ficção Televisiva (Obitel). E-mail: crismungiolii@usp.br

Data da submissão: 10/fevereiro/2014.

Data da aprovação: 25/abril/2014.

Revisão técnica do artigo: Maria Cristina Palma Mungiolii.

Revisão ortográfica do artigo: Patricia Biegging.

ABSTRACT

The present article analyzes a *corpus* which is based on discursive elements found in the seven volumes of the *Harry Potter* collection (Brazilian edition), in an attempt to identify characteristics concerning the notion of answerability, as defined by Mikhail Bakhtin. We track the relations involving the construction of meaning that are established between the speech in the referred literary work and its recipients, contemporary teenage readers. This view unfolds dialogical forces that confront each other and produce their own meanings. These assumptions will lend support for a reception study that involves teenage readers from the Paraisópolis community in São Paulo.

Keywords: The Author and the Hero. *Harry Potter*. Dialogism. Production of meaning. Mass communication and reader's reception.

Introdução

A franquia *Harry Potter* pode ser entendida como fato relevante da comunicação na contemporaneidade, representante exemplar do cenário de convergência midiática descrito por Jenkins (2009), não apenas em razão de sua disponibilização e comercialização por múltiplas plataformas midiáticas – entre essas, sete volumes impressos que se destacam por haver operado significativas mudanças no hábito de leitura de crianças e adolescentes nos planos mundial e nacional¹ – como também pela densa participação de fãs no processo de produção de conteúdos (convergência alternativa).² Tendo essa constatação como premissa,

¹ Um artigo publicado no *The New York Times*, em 2007, chamou a atenção para uma pesquisa encomendada pela *Scholastic*, editora da obra *Harry Potter* nos Estados Unidos, a respeito dos hábitos de leitura infantil e familiar, segundo a qual 51% de 500 leitores de *Harry Potter* consultados, com idade entre 15 e 17 anos, afirmaram que até então não liam por prazer (provavelmente, apenas por indicação escolar). Ainda de acordo com o estudo, mais de três quartos desses leitores confirmaram que a obra impulsionou seu interesse em ler outros livros. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2007/07/11/books/11potter.html?pagewanted=all&_r=0>. Acesso em: 1º jul. 2013. No ano seguinte, a pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, encomendada pelo Instituto Pró-Livro e realizada pelo instituto Ibope Inteligência, indicava que *Harry Potter* ocupava a quarta posição no levantamento sobre “Livros mais importantes na vida dos leitores” e “Último livro que o leitor leu ou está lendo”. (AMORIM, Galeno (Org.). *Retratos da leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Pró-Livro, 2008.

² De acordo com informações obtidas pelo pesquisador em entrevista semiestruturada com a editora Anna Buarque, responsável pela interface com os leitores da obra no período de lançamento dos sete volumes da obra *Harry Potter* no Brasil, a publicação pode ser considerada como precursora de um inédito pacto de leitura engendrado por consumidores de textos ficcionais no Brasil, marcado por um tipo de adesão e apropriação sem precedentes, incluindo a disseminação de informações e a criação de conteúdos relacionados à obra via internet.

encontra-se em andamento projeto de pesquisa que tem, em seu plano de observação e análise, aspectos (realidades e conceitos) pertinentes tanto ao contexto global, resultantes da própria condição de produto da cultura mundializada que a obra *Harry Potter* apresenta, quanto ao cenário local, com realização de estudo de recepção com leitores moradores da comunidade de Paraisópolis,³ em São Paulo. O objetivo é entender como a edição brasileira da série *Harry Potter* funciona produzindo sentidos, notadamente em termos discursivos, e desvendar o complexo processo de interações, cruzamentos e negociações simbólicas, até agora desconhecido, que se estabelece a partir do contato com o universo de leitores selecionado para o trabalho de campo.

O presente artigo apresenta as análises iniciais de uma das etapas do referido projeto de pesquisa. Essa etapa teve como objetivo estudar as relações dialógicas presentes na construção discursiva da obra, a fim de constituir material de apoio que subsidiará, posteriormente, na fase do estudo de recepção, as discussões com grupos focais compostos por leitores espontâneos identificados em Paraisópolis.

Conforme os princípios da Análise de Discurso (ORLANDI, 2010), a obra em questão não é aqui estudada no plano horizontal ou em extensão, abarcando a completude do texto dos sete volumes, e sim, verticalmente, elegendando-se montagens discursivas que decorrem do objetivo da análise. Em resumo, ativemo-nos à detecção dos elementos da discursividade ancorada no cotidiano, para o que nos apoiamos em postulados do pensador russo Bakhtin,⁴ notadamente aqueles relacionados à construção de mecanismos de responsividade. (BAKHTIN, 1997). Essa abordagem se justifica na medida em que o livro pode ser entendido como um elemento da interação verbal, realidade fundamental da língua. Seria, portanto, um “ato de fala impresso”:

O ato de fala sob a forma de livro é sempre orientado em função das intervenções anteriores na mesma esfera de atividade, tanto as do próprio autor como as de outros autores [...]. Ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio etc. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006, p. 127-128).

³ Dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2011, indicam que Paraisópolis, na região do Morumbi, Zona Sul da cidade de São Paulo, é a favela mais populosa da capital, com 13 mil domicílios ocupados e 42,8 mil moradores. Disponível em: < <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/12/em-sp-paraisopolis-ainda-sofre-com-problemas-de-infraestrutura.html> >. Acesso em: 1º jul. 2013.

⁴ Bakhtin (1895 a 1975) é responsável por diversos trabalhos e publicações no campo dos Estudos de Linguagem, descobertos a partir da década de 50 (séc. XX).

Partimos da compreensão da obra como enunciado concreto, participante, portanto, de uma determinada realidade histórica, social e cultural, conforme discussões empreendidas pelo chamado Círculo de Bakhtin⁵ (2006). Nesse sentido, procuramos identificar as relações de produção de sentido que se estabelecem entre o discurso da obra – a narrativa criada, com ênfase na figura do herói Harry Potter – e seus destinatários, os adolescentes contemporâneos. Buscamos, assim, desvelar elementos do complexo de forças dialógicas, os quais se confrontam e produzem significações. Não há a pretensão de exaurir os conceitos bakhtinianos em todas as suas possibilidades, mas, antes, de fazer uso de seu potencial analítico para identificar determinados processos de significação que ocorrem na obra em análise.

Antes da análise discursiva propriamente dita serão apresentadas as perspectivas para sua utilização na pesquisa de campo em Paraisópolis, com indicação de alguns resultados obtidos pelo pesquisador nas primeiras incursões feitas na comunidade.

O *corpus* construído

A perspectiva dialógica de Bakhtin (1997), na qual a noção de alteridade desempenha papel central, é o critério teórico para a “de-superficialização” da obra *Harry Potter* – passagem da superfície linguística, ou seja, do texto em sua completude, para o objeto discursivo (ORLANDI, 2010) – e a identificação dos processos de significação que nela se textualizam. No entender do pensador russo,

nossa fala, isto é, nossos enunciados (que incluem as obras literárias), estão repletos de palavras dos outros, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos. (BAKHTIN, 1997, p. 314).

⁵ Mikhail Bakhtin, Valentin Volochínov e Pavel Medvedev são considerados os três principais integrantes do “Círculo de Bakhtin”. Trata-se de um grupo de intelectuais russos que produziu obras especialmente na década de 20 (séc. XX) no contexto soviético. Destacando a forte inter-relação entre os conceitos e temas tratados pelos três intelectuais, Geraldo Tadeu Souza refere-se a eles como Círculo Bakhtin/Volochínov/Medvedev. (SOUZA, Geraldo Tadeu. *Introdução à Teoria do Enunciado Concreto do Círculo Bakhtin/Volochínov/Medvedev*. 2. ed. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 2002).

Conseqüentemente, a delimitação do *corpus* sobre o qual incidirá a análise levará em conta as montagens discursivas presentes no texto da obra flagrantemente moldadas por essa relação com o *outro*, permitindo evidenciar como signos e sujeitos colocados em situação dialógica são afetados pela ideologia e pelo contexto sócio-histórico. Ressalte-se que a coleção *Harry Potter* dirige-se ao leitor jovem (interlocutor concreto) dos mais diferentes *ethos* – a série foi traduzida para 74 idiomas, segundo a editora americana *Scholastic*, responsável pela publicação nos Estados Unidos⁶ –, o que torna o escopo temático do material sócio-analisado tão abrangente quanto são os modos e costumes decorrentes da construção histórica e social do conceito de adolescência no Ocidente:⁷ do sentimento de insegurança e impotência, passando pelas atitudes de desajuste e rebeldia, até a busca latente por um ideal de autonomia e liberdade. Conforme já explicitado, em outra etapa da pesquisa, esse material será submetido à apreciação de um grupo de leitores específico, estando o espaço de estudo do objeto empírico localizado na comunidade de Paraisópolis, maior favela da cidade de São Paulo, como forma de atender à proposta de desenvolvimento de pesquisa de comunicação com temática de relevância social.

Vale lembrar que as reflexões de Bakhtin pertencem ao campo dos Estudos de Linguagem e, enquanto tal, não devem ser confundidas com os princípios da Análise de Discurso. Sua contribuição, já evidenciada, é constituir-se em referencial teórico por meio do qual se estuda a obra *Harry Potter*, como ato de fala impresso dirigido a um interlocutor concreto, com signos identificáveis que refletem e refratam uma visão de mundo influenciada por determinantes socioculturais e históricos diversos.

Cabe reforçar também que a construção prévia de um *corpus* para análise e a posterior submissão à leitura dos jovens selecionados, na fase do estudo de recepção, fazem parte dos procedimentos necessários para evidenciar como a narrativa em questão funciona produzindo sentidos, ou seja, é uma etapa constitutiva desse processo e em nada se aproxima de uma tentativa de indução do “funcionamento” do discurso. Ao contrário, de acordo com Orlandi, o intuito é justamente ressaltar que todo processo analítico resulta de uma construção do próprio analista e o objeto analisado não se esgota, permanecendo aberto a novas abordagens:

⁶ Disponível em: <<http://mediaroom.scholastic.com/harrypotter>>. Acesso em: 1º jul. 2013.

⁷ De acordo com Coutinho (2005), o conceito de adolescência remete a um contexto sociocultural individualista que começa a ser gestado na Revolução Francesa, avança pelo século XX e atinge seu ápice com os movimentos de contracultura nas décadas de 60 e 70 do séc. passado. No século XXI, é afetado por um processo de hiperindividualismo resultante da progressiva pulverização de referências simbólicas e ideais sociais.

Ele é inesgotável. Isso porque, por definição, todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro. Não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes. (2010, p. 62).

Devidamente relativizado, o processo de compreensão do analista é também legitimado em sua responsabilidade teórica e prática, e os resultados explicitados pela análise discursiva do objeto se afirmam como contribuição significativa para a compreensão da discursividade que o constitui e da relação que estabelece com seus interlocutores.

Para a delimitação do *corpus* aqui analisado, o pesquisador debruçou-se sobre a produção impressa de cerca de 3.300 páginas, que correspondem ao conteúdo completo da edição brasileira da série de livros *Harry Potter*.

Procedimentos metodológicos da pesquisa de recepção

Na análise da discursividade, o objetivo consiste em compreender como se constituem os sentidos do “dizer” na obra literária *Harry Potter* moldados por condições sócio-históricas e sistemas ideológicos objetivos relacionados ao período da adolescência, tendo como mediador teórico o pensamento bakhtiniano. Já o estudo de recepção buscará desvendar as inter-relações até então desconhecidas desse discurso com o universo de leitores selecionado.

O processo de produção de sentido pelos leitores será analisado segundo pressupostos teóricos pertinentes ao campo de Estudos Culturais, Estética da Recepção e abordagens filosóficas e sociológicas sobre as práticas de leitura propriamente ditas. A pesquisa de recepção terá natureza qualitativa e partirá da elaboração de estratégia para a formação de grupo focal (de leitura e discussão) com moradores de Paraisópolis, visando atingir o que Bourdieu (1997) denomina “compreensão”, em nível satisfatório para a elucidação do problema de pesquisa.

Por não se tratar de um trabalho de pesquisador-*insider*, a entrada em Paraisópolis para a coleta e seleção de evidências empíricas tem exigido a mobilização de três frentes de mediação – Estação de Conhecimento Einstein (com programas coordenados pelo núcleo de pesquisa voltado à Infoeducação, do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da ECA-USP), Espaço Esportivo e Cultural BM&FBovespa, e Biblioteca Comunitária de Paraisópolis (Becei) –, identificadas a partir de incursões realizadas na comunidade. Essas entidades são responsáveis por programas

de incentivo à leitura instalados na comunidade, e seus representantes têm se mostrado receptivos às demandas da pesquisa de campo, cuja primeira fase já foi iniciada, com definição de amostra inicial de 28 leitores espontâneos da obra *Harry Potter*. O passo seguinte, em andamento, será a realização de contato, via mediadores locais, para a produção de texto com temática livre sobre a experiência de leitura da obra, a partir do que será feita a seleção de 10 a 12 leitores para participação em grupo focal a ser realizado durante a pesquisa de campo.

Os resultados obtidos poderão ter como desdobramento a seleção de um ou dois perfis típicos para a realização de entrevista em profundidade (POUPART et al., 2008) e história de vida (LOPES, 2005), possibilitando que se infira de forma mais acurada, por meio da perspectiva do sujeito, sobre as possíveis conexões estabelecidas entre o discurso e a recepção da obra *Harry Potter* e as condições de existência dos desfavorecidos e oprimidos socialmente. O objetivo é fazer emergir o que Bourdieu (1997) identifica como “discurso extraordinário” por parte dos pesquisados, fazendo com que manifestem os pontos fundamentais a partir dos quais veem a obra *Harry Potter* e a si mesmos, evidenciando os nexos simbólicos dessa relação. Por outro lado, as interpretações dadas pelos pesquisados a respeito de sua própria realidade também devem ser relativizadas, constituindo-se elas próprias em uma “construção”, que não pode ser confundida com a realidade como ela é, e cabe ao investigador estar atento a isso (BOURDIEU et al., 2005).

O referencial bakhtiniano: a concepção dialógica

No texto literário, a manifestação primeira do *outro* remete à própria figura do herói na sua interação com o autor. Segundo Bakhtin (1997), somos seres inacabados por essência, sendo a obra de arte categoria em que podemos pleitear a inclusão do texto literário, justamente pela sua condição de um todo significante, uma experiência de acabamento:

Na vida, depois de vermos a nós mesmos pelos olhos de outro, sempre regressamos a nós mesmos; e o acontecimento último, aquele que parece-nos resumir o todo, realiza-se sempre nas categorias de nossa própria vida. [...] O autor deve encontrar um ponto de apoio fora dessa consciência para que ela se torne um fenômeno esteticamente acabado – um herói. (BAKHTIN, 1997, p. 37).

De acordo com Todorov (1997), para Bakhtin a relação entre o autor e o herói possibilita que o discurso se constitua num todo, justamente porque o acabamento só pode vir do exterior, da relação com o *outro*:

A criação estética é, pois, um exemplo particularmente bem-sucedido de um tipo de relação humana: aquela em que uma das duas pessoas engloba inteiramente a outra e por isso mesmo a completa e a dota de sentido. Relação assimétrica de exterioridade e de superioridade, que é uma condição indispensável à criação artística: esta exige a presença de elementos “transgredientes”, como diz Bakhtin, isto é, exteriores à consciência tal como ela se pensa do interior, mas necessários à sua constituição como um todo. (TODOROV, 1997, p. 6-7).

Em uma tentativa de sintetizar esse pressuposto, pode-se afirmar que o sujeito de um discurso-fala, que é autor, encontra na relação com o herói uma forma de definir-se a si próprio:

De acordo com uma relação simples, o autor deve situar-se fora de si mesmo, viver a si mesmo num plano diferente daquele em que vivemos efetivamente nossa vida; essa é a condição expressa para que ele possa completar-se até formar um todo, graças a valores que são transcendentais à sua vida, vivida internamente, e que lhe asseguram o acabamento. Ele deve tornar-se outro relativamente a si mesmo, ver-se pelos olhos de outro. (BAKHTIN, 1997, p. 35).

O plano da alteridade, do *outro* possível, em Bakhtin (1997) estende-se para além da figura do herói e abrange também uma dimensão de concretude mais próxima da sua noção de enunciado, unidade real da comunicação verbal, em que o interlocutor assume uma importância tão fundamental a ponto de adquirir o *status* de um outro *eu*:

De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar etc. [...] A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor. (BAKHTIN, 1997, p. 290).

Discutindo mais diretamente os gêneros do discurso, Bakhtin (1997) é ainda mais preciso sobre o papel daquele a quem o enunciado se dirige:

A quem se dirige o enunciado? Como o locutor (ou o escritor) percebe e imagina seu destinatário? Qual é a força da influência deste sobre o enunciado? É disso que depende a composição, e sobretudo o estilo, do enunciado. Cada um dos gêneros do discurso, em cada uma das áreas da comunicação verbal, tem sua concepção padrão do destinatário que o determina como gênero. (BAKHTIN, 1997, p. 321).

Pelo ângulo dialógico por meio do qual Bakhtin observa a construção de sentido, a figura do destinatário/leitor emerge, assim, como um dos elementos centrais, mas não apenas por meio de sua subjetividade em si, mas também pela maneira como é percebido e compreendido e, em consequência, pelo modo como se presume o seu ato-resposta. Baseando-nos nesse pressuposto, é possível admitir que a construção discursiva em *Harry Potter* não advém do acaso, assim como as situações vivenciadas pelo personagem central, que dá nome à obra, não se sucedem aleatoriamente, concebidas de forma mecânica, com partes estranhas umas às outras e ao todo. Tampouco são fruto apenas de reminiscências pessoais ou de conhecimento intelectual prévio de quem escreve, mas de uma construção baseada na alteridade, que é a condição de possibilidade para a sua existência, a fundadora do seu dizer, e do modo como a presume. A própria assinatura autoral já se constitui em indício de uma determinada concepção de destinatário, na medida em que a editora inglesa *Bloomsbury*, responsável pelo lançamento da obra, optou pela abreviação do nome da autora com duas iniciais – J. K. Rowling⁸ (a inicial K corresponde a Kathleen e foi adotada pela autora em homenagem à sua avó) –, visando evitar uma possível rejeição por parte do público-leitor formado por garotos adolescentes a um nome explicitamente feminino estampado na capa.⁹

⁸ A assinatura J. K. Rowling, com as iniciais abreviadas, corresponde ao nome Joanne Kathleen Rowling, escritora escocesa radicada na Inglaterra. Em 1990, enquanto atuava como professora de Língua e Literatura Inglesa em Portugal, começou a escrever o primeiro livro da série de sete volumes, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, que seria lançado em 1997. Disponível em: <http://www.jkrowling.com/pt_BR/#/sobre-jk-rowling>. Acesso em: 2 jul. 2013.

⁹ Disponível em: <<http://mediaroom.scholastic.com/harrypotter>>. Acesso em: 1º jul. 2013.

A discursividade ancorada no cotidiano

Resumidamente, a história é ambientada na Inglaterra dos anos 90 (séc. XX) e narra a trajetória do personagem-título, um garoto órfão criado pelos tios que, ao completar 11 anos, descobre ser um bruxo e passa a frequentar a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. A coleção registra a evolução gradativa do protagonista no uso da magia, permeada de situações práticas e conflitos de ordem existencial pertinentes ao período da adolescência, até ficar diante de seu maior desafio: enfrentar e derrotar o bruxo das trevas chamado Lord Voldemort, que pretende tornar-se o líder máximo da comunidade de bruxos. Cada um dos sete volumes integrantes da série corresponde a um ano na vida do personagem-título, abrangendo dos 11 aos 17 anos, e os acontecimentos narrados são vivenciados no contexto escolar, interrompido apenas para o regresso à casa de familiares no período de férias mais extenso. No último volume, a maior parte da narrativa se passa fora de Hogwarts, mas, ainda neste caso, a missão que Harry cumpre lhe foi determinada pelo professor e diretor Alvo Dumbledore, chefe maior da instituição, onde também é travada a batalha final com o exército do bruxo Voldemort, na qual Harry se sai vitorioso.

Em termos estilísticos, a edição brasileira da obra não se esforçou de forma ostensiva para “falar a língua” do público adolescente contemporâneo, à exceção de alguns termos, muito poucos, correspondentes a gírias atuais, como “irado”, “carácoles”, “zoeira”, “descolado”, “maneiro” –, contudo há que se considerar que, para Bakhtin (1997), o estilo não se esgota no uso puro e simples de palavras, mas se realiza na “vida autêntica” dessas palavras, em seus usos historicamente situados, nas concepções de mundo que elas refletem e refratam:

O estilo artístico não trabalha com as palavras, mas com os componentes do mundo, com os valores do mundo e da vida; podemos defini-lo como o conjunto dos procedimentos de formação e de acabamento do homem e do seu mundo, e esse estilo determina também a relação com o material, com a palavra, cuja natureza deve, naturalmente, ser conhecida para se compreender essa própria relação. (BAKHTIN, 1997, p. 208-209).

Sob esse enfoque, a reciprocidade do texto com o *outro*, o leitor adolescente, pode ser identificada em diversos elementos pertinentes ao seu grupo social e ao contexto sócio-histórico vivenciado: o ambiente escolar e suas situações típicas, nem sempre amistosas; a formação de laços de amizade e inimizade que duram uma vida toda; a relação de respeito e também de confronto com os mais velhos; a conturbada manifestação do desejo; a perda

de entes queridos e a mudança do olhar sobre a vida que isso provoca; os desvios de comportamento e as atitudes moralmente discutíveis; as escolhas e suas consequências, etc. Tendo por prisma esse “horizonte social”¹⁰ definido, a obra realiza um movimento, de certa forma já detectado por Borelli (2006), de distanciamento em relação aos componentes universais que modelam as narrativas dos contos de fadas ou contos maravilhosos e aproxima-se da vida:

Qual, afinal, a singularidade do herói dessa narrativa? Estaria reservado a Harry o perfil dos clássicos heróis, por vezes semideuses, frutos do relacionamento entre um ser humano e uma divindade? Semi alguma coisa, mestiço, híbrido, porque filho de bruxo – e, como tal, dotado de poderes excepcionais – e de “trouxa” – humana e mortal? Dessa conjunção, todavia, parece resultar um menino comum, como muitos por aí, mais para diferente e raro do que para semidivindade. (BORELLI, 2006, p. 137).

E é precisamente por meio da óptica bakhtiniana, que busca na realidade e na filosofia da vida a compreensão de todo e qualquer enunciado, que podemos tentar captar a complexidade do herói e personagem-título da obra. Harry Potter é, antes de tudo, um adolescente, e o discurso nos lembra disso sempre que possível:

Era um garoto magricela, de cabelos pretos, a aparência macilenta e meio doentia de alguém que cresceu muito em pouco tempo. Suas *jeans* estavam rotas e sujas, a camiseta larga e desbotada, e as solas dos tênis se soltavam da parte de cima. (ROWLING, 2003, p. 7).

No fragmento de discurso a seguir, observa-se que o substantivo *adolescente* aparece de forma explícita, reforçando a identificação do leitor com o herói e consigo mesmo:

[Durante a busca empreendida por Harry e os amigos, Rony e Hermione, pelas Horcruxes, objetos em que Voldemort ocultou partes da sua alma e devem ser destruídos] [...] eram três adolescentes, em uma barraca, cujo único feito, até o momento, era não terem morrido. (ROWLING, 2007, p. 243).

¹⁰ Em Bakhtin; Volochínov (2006), a noção de “horizonte social” diz respeito ao conjunto de conhecimentos e valores construído por um determinado grupo, no lugar social que ocupa e no tempo histórico do qual faz parte.

À medida que os anos passam, Harry encarna com maior concretude a imagem do adolescente rejeitado, problemático, quase um anti-herói:

Harry preferia o bairro de Little Whinging à noite, quando as janelas protegidas por cortinas formavam retalhos de cores vivas no escuro, e ele não corria o risco de ouvir comentários censurando sua aparência “delinqüente” quando passava pelos donos das casas. (ROWLING, 2003, p. 15-16).

Em diversos momentos, as construções discursivas em *Harry Potter* são tão pertinentes à realidade dos adolescentes que seria possível esquecer que se trata de uma trama passada em um mundo paralelo, mágico, fantástico:

[Personagem Jorge Weasley se queixa da situação de dificuldade financeira de sua família] – Não sei como mamãe e papai vão poder comprar todo o nosso material escolar este ano – disse Jorge depois de algum tempo. (ROWLING, 2000b, p. 46).

Nesse mesmo sentido, vale destacar que a reprodução do *habitus*¹¹ de uma determinada coletividade é flagrante:

Hoje estava chato como sempre. O Prof. Binns abriu seus apontamentos e começou a ler num tom monótono como um aspirador de pó velho, até que quase todos os alunos na sala caíram num estupor profundo, de que emergiam ocasionalmente a tempo suficiente de copiar um nome ou uma data e, em seguida, tornar a adormecer. (ROWLING, 2000b, p. 130).

Entre os condicionamentos sociais internalizados pelos adolescentes e referidos na obra, vale destacar alguns exemplos:

– A preocupação com a aparência:

[Personagem Professora Sprout diz] – Um remédio excelente para as formas mais renitentes de acne, o pus de bubotúberas. Pode fazer os alunos pararem de recorrer a medidas desesperadas para se livrarem das espinhas. (ROWLING, 2001, p. 157).

¹¹ De acordo com Bourdieu (2007), *habitus* são as disposições internalizadas resultantes dos condicionamentos sociais, entre as quais se destaca o gosto (disposição estética), manifestação de preferências culturais específicas relacionadas a posições de classe e, portanto, a um espaço de lutas simbólicas.

– A atração por escatologias:

[Sobre os explosivins, criaturas mágicas]. Desprendiam um cheiro forte de peixe podre. De vez em quando, soltavam faíscas da cauda e, com um leve pum, se deslocavam alguns centímetros à frente. (ROWLING, 2001, p. 158).

– O humor negro e o interesse por situações de violência e horror:

Pela primeira vez Harry imaginou o corpo de Olho-Tonto [um dos integrantes do exército de oposição a Voldemort] com os ossos partidos como os de Dumbledore, mas com aquele único olho ainda girando na órbita. Sentiu uma reação violenta, que mesclava desgosto e uma bizarra vontade de rir. (ROWLING, 2007, p. 78).

– As piadas infames:

[Na aula de Advinhação] – Ah, Prof^a Sibila, olhe! Acho que tenho um planeta oculto!

[...]

– É Urano, minha querida – disse a professora examinando o mapa.

– Posso dar uma olhada no seu Urano, também, Lilá? – perguntou Rony. (ROWLING, 2001, p. 163).

– A dificuldade de refrear impulsos de agressividade

Adoraria extravasar um pouco de sua frustração em garotos que no passado tinham infernizado sua vida. (ROWLING, 2003, p. 15).

– As diferenças de comportamento entre meninos e meninas:

– Você deveria escrever um livro – sugeriu Rony a Hermione enquanto cortava as batatas em seu prato –, traduzindo as maluquices que as garotas fazem para os garotos poderem entendê-las. (ROWLING, 2003, p. 467).

Os indícios do material s3gnico pertinente à coletividade – formada por adolescentes no contexto atual, em que Harry vive – não param por aí e se estendem ao âmbito educativo e vocacional. Assim, as cobranças normalmente feitas por pais e educadores também se fazem presentes, das mais corriqueiras àquelas relacionadas ao futuro profissional:

[Aviso afixado em Hogwarts]

ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

Todos os quintanistas deverão ter uma breve reunião com a diretora de sua Casa durante a primeira semana do trimestre de verão para discutir suas futuras carreiras. Os horários das consultas individuais estão listados abaixo. (ROWLING, 2003, p. 533).

A adolescência também é a fase na qual a sexualidade se manifesta:

– Harry, tem uma larva no seu cabelo – disse Gina alegre, debruçando-se sobre a mesa para retirá-la; Harry sentiu subirem pelo seu pescoço arrepios que não tinham relação alguma com a larva. (ROWLING, 2005, p. 266).

É quando são construídos os laços de amizade mais duradouros:

Mas daquele momento em diante, Hermione Granger tonou-se amiga dos dois. Há coisas que não se pode fazer junto sem acabar gostando um do outro. (ROWLING, 2000a, p. 156).

E também surgem os primeiros amores:

[Cho, primeira garota pela qual Harry se apaixona na trama, diz] – Eu gosto de você de verdade, Harry.

Ele não conseguia pensar. Um formigamento se espalhava pelo seu corpo, paralisando seus braços, pernas e cérebro.

Estava próxima demais. Ele podia ver cada lágrima pendurada em suas pestanas... (ROWLING, 2003, p. 373).

Embora os aparatos tecnológicos não façam parte do mundo dos bruxos, já que possuem dons mágicos, sua existência não é completamente esquecida na obra, funcionando dessa forma como ancoragem no universo dos leitores da obra:

[Carta de Harry para o padrinho Sirius Black] Meus tios disseram que vão ter de cortar a mesada dele caso ele continue fazendo isso, então Duda ficou com muita raiva e atirou pela janela o PlayStation. Isso é uma espécie de computador com muitos jogos. Foi realmente uma burrice porque agora ele não tem nem um Mega-Mutilation parte três para distrair as ideias. (ROWLING, 2001, p. 25).

Harry é um adolescente como outro qualquer e, enquanto tal, quer o mesmo que qualquer adolescente:

O garoto massageou a cicatriz com os nós dos dedos. O que ele realmente queria (e se sentiu envergonhado de admitir para si mesmo) era alguém como um pai ou uma mãe: um bruxo adulto a quem pudesse pedir um conselho sem se sentir burro, alguém que gostasse dele. (ROWLING, 2001, p. 24).

Como integrante dessa “coletividade”, Harry se depara com situações típicas vivenciadas por todo adolescente, como as provocações e a crueldade de colegas no ambiente escolar, onde se passa a maior parte da narrativa:

POTTER FEDE

Os alunos da Sonserina [uma das quatro casas – espécie de departamentos em que os alunos são alocados no internato – que integram Hogwarts] rolaram de rir. Cada um deles apertou o distintivo também, até que a mensagem POTTER FEDE estivesse brilhando vivamente a toda volta do garoto. Ele sentiu uma onda de calor subir pelo pescoço e o rosto. (ROWLING, 2001, p. 238).

O olhar implacável comum aos adolescentes é constitutivo do próprio Harry, e é por meio de sua perspectiva que os demais personagens são observados:

Longe de precisar de alimentação suplementar, Duda atingira aproximadamente o tamanho e o peso de um filhote de orca. (ROWLING, 2001, p. 28).

Assim, também, o desejo de se sentir integrado a um grupo e ser popular:

Harry se virou na cama, uma série de imagens novas e fascinantes se formando em sua cabeça... [...]. Tornara-se campeão de Hogwarts... estava em pé nos jardins, os braços erguidos em triunfo diante de toda a escola, que o aplaudia e gritava... (ROWLING, 2001, p. 155).

Em meio ao grupo do qual faz parte, Harry se comporta exatamente como um “projeto de gente”, um ser em formação, em que os planos engendrados apresentam a precariedade imposta pela falta de experiência – “Eram perguntas para as quais Harry não encontrava respostas” (ROWLING, 2007, p. 405) – e há uma propensão à transgressão e à rebeldia – a insurgência natural do adolescente contra a autoridade –, o que, à medida que sua idade avança, assume contornos mais explícitos:

Saber que estavam fazendo alguma coisa para resistir a Umbridge [funcionária do alto escalão do Ministério da Magia que se torna inimiga de Harry quando passa a lecionar em Hogwarts] e ao Ministério, e que ele era parte importante dessa rebeldia, dava a Harry uma sensação de imenso contentamento. (ROWLING, 2003, p. 288).

A complexidade das atitudes e dos sentimentos de Harry não é comum aos heróis típicos encontrados nos romances de aventuras, mas à vida concreta, justamente porque é nela que a arte está inserida, conforme a perspectiva bakhtiniana. É no cotidiano, nas lidas do dia a dia que seus problemas afloram. Faraco, ao visitar algumas das formulações teóricas de Bakhtin sobre a atividade estética, em particular a literatura, explicita:

O ato estético envolve, assim, um complexo processo de transposições refratadas da vida para a arte: primeiro, porque é um autor-criador e não o autor-pessoa que compõe o objeto estético [...]; e, segundo, porque a transposição de planos da vida para a arte se dá não por meio de uma isenta estenografia (o que seria impossível na concepção bakhtiniana), mas a partir de um certo viés valorativo (aquele consubstanciado no autor-criador). (2011, p. 24).

Em síntese, a atividade estética sempre refrata o mundo, e é a partir da relação com o interlocutor, que não está em outro lugar senão no mundo, que o discurso da obra se constitui como enunciado concreto. Harry é tão falível e incompleto como somente um adolescente comum pode ser:

[Harry diz] – Todo mundo acha que sou especial [...], mas eu não conheço nadinha de mágica. Como podem esperar grandes feitos de mim? (ROWLING, 2000a, p. 78).

Aquilo que se esperaria de um herói de contos de fadas passa ao largo do personagem; ao contrário, Harry não se destaca pelo físico – o garoto mais bonito é Cedrico, seu rival na disputa pelo amor de Cho, a primeira garota pela qual se interessa, mas não chega a namorar – nem por uma inteligência acima da média, e sua capacidade é invariavelmente questionada:

Harry olhou para os dois coelhos que devia transformar em chinelos. Que é que ele aprendera até ali naquele ano? Não conseguia lembrar nada que lhe pudesse ser útil em um exame. (ROWLING, 2000b, p. 241).

Aprofundando a questão da alteridade e do “enunciado-resposta”, pode-se afirmar que Harry é adolescente – e ainda despreparado para certos desafios – porque seu interlocutor concreto também o é:

Duas vozes determinam o “micro diálogo interior” na concepção de Bakhtin. O enunciado ontológico fundacional para Bakhtin não é “eu sou”, mas “eu também sou”, proposição que implica necessariamente um “tu és”, como premissa primeira. [...] A alteridade é constitutiva a respeito do eu, que não é autárquico nem solitário. (BUBNOVA, 2013, p. 12).

A estreita relação entre o enunciado (“unidade real”) e o leitor (“interlocutor concreto”) em *Harry Potter* é confirmada pela própria autora e seus editores ao vincularem a idade do personagem central – que amadurece um ano a cada volume – à do seu público, mas é no enredo em si que ela se realiza plenamente. O aspecto cronotópico¹² fundamental da obra é o rito de

¹² Segundo Bakhtin, cronotopo diz respeito à relação de tempo e espaço que organiza significativamente os acontecimentos na obra literária, conferindo-lhe inteligibilidade: “fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento

passagem, ou seja, o seu ajuste espaçotemporal se encontra na fase intermediária entre a infância e a vida adulta, na qual mais do que aprender, a criança amadurece.

Harry está crescendo e isso dói:

[Quando Harry assume a posição de herói de Hogwarts no Torneio Tribruxo] Nunca se sentira tão nervoso; ultrapassava de muito qualquer sentimento que tinha experimentado antes de uma partida de quadribol, até mesmo a última contra a Sonserina, que decidira quem ganharia a Taça de Quadribol. Harry estava achando difícil pensar no futuro, sentia que a sua vida inteira o conduzira à primeira tarefa e nela terminaria... (ROWLING, 2001, p. 251).

Diferentemente do que ocorre nas histórias de fantasia, na narrativa de *Harry Potter* o tempo deixa marcas profundas no personagem e em sua vida. O cronotopo do rito de passagem evidencia-se de forma mais explícita na insistência com que o discurso assinala a transformação de um garoto em outro:

[Hagrid diz] Quando o conheci, você me lembrou um pouco de mim. Mãe e pai desaparecidos e você sentindo que não ia se adaptar a Hogwarts, lembra? Não tinha muita certeza de que estava à altura... e agora, olha só você, Harry! Campeão da escola! (ROWLING, 2001, p. 363).

A maioria, no mundo dos bruxos, atingida aos 17 anos, é ressaltada como um efetivo “divisor de águas”:

[Harry explica ao tio, Valter Dursley] – Quando eu completar dezessete anos, o feitiço de proteção que me resguarda se desfará, e isto me põe em risco e a vocês também. (ROWLING, 2007, p. 31).

Um dos pontos altos do processo de amadurecimento protagonizado por Harry se dá quando a imagem mítica do pai é desconstruída a partir da descoberta, por meio de um artefato mágico chamado “Penseira”, que

do tempo do enredo e da história. Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e [essa] fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico”. (BAKHTIN, 1993, p. 211).

permite reviver eventos marcantes gravados na memória de outros bruxos, dos atos de *bullying* cometidos por seu pai contra o rival Severo Snape, quando ambos ainda eram estudantes em Hogwarts:

Durante cinco anos pensar em seu pai havia sido uma fonte de consolo, de inspiração. Sempre que alguém dizia que ele era igual ao pai, ele se iluminava intimamente de orgulho. E agora... agora sentia frieza e infelicidade ao pensar nele. (ROWLING, 2003, p. 530-531).

Na verdade, Harry apresenta alguns resquícios da criança que já não é mais, contudo, desde a morte do mentor Dumbledore, o senso de responsabilidade do adulto que virá a ser já se manifesta, conforme explicita o narrador onisciente:

E Harry, sentado ali sob o sol quente, percebeu com muita clareza como as pessoas que gostavam dele tinham se colocado à sua frente, um por um, sua mãe, seu pai, seu padrinho e, finalmente, Dumbledore, todos decididos a protegê-lo; mas, agora, isso acabara. Não podia mais deixar ninguém ficar entre ele e Voldemort; tinha de abandonar definitivamente a ilusão que já devia ter perdido com um ano de idade: que a proteção dos braços paternos significava que nada poderia atingi-lo. (ROWLING, 2005, p. 505).

Harry Potter mostra-se um personagem altamente complexo, tanto quanto um ser humano pode ser, capaz de questionar até mesmo sua própria condição de herói:

Era sua culpa que Sirius tivesse morrido. Inteiramente sua culpa. [...] Se ao menos tivesse aberto a mente à possibilidade de que Voldemort, conforme dissera Hermione, estivesse apostando no prazer de Harry de bancar o herói... (ROWLING, 2003, p. 664).

Ao não conseguir suportar ser quem é, Harry expressa com precisão a sensação de inadequação ao mundo vivenciada na adolescência:

A sensação de culpa que enchia o peito de Harry como um parasita monstruoso e pesado agora se torcia e virava. Harry não conseguia suportar ser quem era... nunca se sentira tão encurralado dentro do próprio corpo, nunca desejara tão intensamente poder ser outra pessoa, qualquer pessoa, ou... (ROWLING, 2003, p. 665).

A humanidade de Harry é um dos maiores indícios da sua reciprocidade com o interlocutor concreto com o qual dialoga. Essa relação é levada até as últimas consequências; nos últimos lances da narrativa, Harry faz a passagem para o outro lado e se mostra um herói passível de morrer, como todos aqueles da “coletividade” à qual pertence:

Harry encarou os olhos vermelhos e desejou que acontecesse naquele instante, rapidamente, enquanto ele ainda se mantinha de pé, antes que se descontrolasse, antes que traísse o seu medo... Ele viu a boca se mover e um clarão verde, e tudo desapareceu. (ROWLING, 2007, p. 547).

Em seguida, Harry revive, o que não remete ao universo do fantástico, e sim do propriamente humano e juvenil, evidenciando-se nessa construção o sentimento de imortalidade, tão característico da juventude, e a confirmação das condições para ingressar em uma nova etapa da vida, a fase adulta. O rito de passagem finalmente se cumpre, com Harry deixando para trás a infantilidade de sentimentos de Voldemort, até então parte de si mesmo. Não por acaso, esse é o momento em que pela primeira vez Harry adquire o *status* de *homem*:

[Dumbledore diz] – Garoto maravilhoso. *Homem* corajoso, muito corajoso. Vamos caminhar. (ROWLING, 2007, p. 549).

Considerações finais

Fenômenos como a franquia *Harry Potter*, que transita por diferentes plataformas midiáticas e se mostra capaz de mobilizar um público sem precedentes, são depositários de pistas relevantes para a compreensão do processo de construção de identidades e das trocas culturais realizadas no contexto das novas formas de comunicação na contemporaneidade.

Em termos de estruturação, a pesquisa tentará reproduzir o trajeto realizado pelo próprio objeto em estudo, a obra *Harry Potter*, que, após ter se originado em um cenário de globalização e convergência midiática, inseriu-se na realidade brasileira. Partirá, portanto, do âmbito global (a obra *Harry Potter* e seu discurso) para chegar ao local (as leituras feitas por jovens moradores da comunidade de Paraisópolis, na periferia da cidade de São Paulo). Os elementos apresentados neste artigo sugerem que é possível

avançar na direção oposta de estudos que buscam as correlações entre *Harry Potter* e a estrutura narrativa dos contos de fadas ou das histórias maravilhosas e discutir a sua organização como discurso que reflete e refrata a realidade de seu interlocutor concreto, o leitor adolescente contemporâneo, e é permanentemente atravessado pelas concepções de mundo desse interlocutor/produtor de sentidos.

Na prática, as inferências aqui apresentadas, resultantes da análise bakhtiniana do discurso da obra, serão confrontadas com os achados e resultados obtidos na pesquisa de campo, bem como com conceitos relacionados à reflexão sobre a apropriação de conteúdos globalizados por atores locais inseridos num contexto de modernidade periférica, visando evidenciar a complexa tessitura comunicacional formada a partir do contato entre dimensões identitárias distintas.

As singularidades advindas desse cenário complexo serão levadas em conta, permitindo que a análise interpretativa atinja seu nível mais alto em termos de síntese, abstração e generalização.

Referências

AMORIM, Galeno (Org.). *Retratos da leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Pró-Livro, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 3. ed. São Paulo: Hucitec; Edunesp, 1993.

_____. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 1997.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 1997. p. 277-326.

_____. VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BORELLI, Silvia H. S. *Harry Potter: campo literário e mercado, livro e matrizes culturais*. 2006. 227 f. Tese (Livre Docência) – PUCSP, São Paulo, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

_____. Compreender. In: BOURDIEU, P. (Coord.). *A miséria do mundo*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

BOURDIEU, Pierre et al. *Ofício de sociólogo*. Petrópolis: Vozes, 2005.

BUBNOVA, Tatiana. El principio ético como fundamento del dialogismo en Mijaíl Bajtín. Trad. de Maria Inês Batista Campos, Nathália Rodrighero Salinas Polachini. *Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 8, n. 9, p. 9-18, 2013.

COUTINHO, Luciana Gageiro. A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social. *Pulsional – Revista de Psicanálise*, São Paulo, ano XVII, n. 181, p. 13-19, mar. 2005.

FARACO, Carlos Alberto. Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 21-26, jan./mar. 2011.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação*. São Paulo: Aleph, 2009.

LOPES, Maria Immacolata V. *Pesquisa em comunicação*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 9. ed. Campinas: Pontes, 2010.

POUPART, Jean et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008.

RICH, Motoko. Potter has limited effect on reading habits. *The New York Times*. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2007/07/11/books/11potter.html?pagewanted=all&_r=0>. Acesso em: 3 jul. 2013.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a pedra filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000a.

_____. *Harry Potter e a câmara secreta*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000b.

_____. *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000c.

_____. *Harry Potter e o cálice de fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

_____. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

_____. *Harry Potter e o enigma do príncipe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

_____. *Harry Potter e as relíquias da morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SOUZA, Geraldo Tadeu. *Introdução à Teoria do Enunciado Concreto do Círculo Bakhtin/Volochínov/Medvedev*. 2. ed. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 2002.

SOUZA, Jessé. *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG; Rio de Janeiro: Luperj, 2003.

TODOROV, T. Prefácio. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 1997. p. 1-21.

Sites

Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/12/em-sp-paraisopolis-ainda-sofre-com-problemas-de-infraestrutura.html>> . Acesso em: 1º jul. 2013.

Disponível em: <<http://mediaroom.scholastic.com/harrypotter>> . Acesso em: 1º jul. 2013.

Disponível em: <http://www.jkrowling.com/pt_BR/#/sobre-jk-rowling> . Acesso em: 2 jul. 2013.

